

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

LUÍS GONÇALVES DOS SANTOS (PADRE PERERECA)

(1767 – 1844)

Ou pela feiúra ou pela ligeireza — dois atributos do pequeno batráquio — a verdade é que o apelido se lhe colou ao nome de tal maneira que ele próprio o assinava: Padre Perereca, em vez do circunspecto Padre Luís Gonçalves dos Santos, nascido a 25 de abril de 1767, figura das mais curiosas de seu tempo. No Rio de Janeiro onde nasceu, sempre viveu, alcançando até o início do Segundo Reinado, pois faleceu a 1º de dezembro de 1844, com 77 anos de idade, sendo sepultado na Igreja de São Pedro, para cuja Irmandade entrara aos trinta anos e na qual exercera o cargo de tesoureiro dos clérigos pobres. Versado em teologia e em filosofia, dominando diversas línguas, foi professor do Seminário da Lapa. Dele diz Sacramento Blake que “sustentou luta na imprensa em favor do Brasil, numa época em que era perigoso pugnar por seus direitos; cooperou com sua pena para nossa independência, escrevendo no **Revêrbero** em 1821, mas ainda assim, foi, com outros patriotas notáveis, acusado de ser inimigo da emancipação pátria e acérrimo absolutista”.

Orando em seu sepultamento, em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Cônego Januário da Cunha Barbosa recordou a obra do sacerdote e historiador. Certamente mais sacerdote que historiador, tendo, todavia, vinculado seu nome à historiografia brasileira por um precioso (nos dois sentidos) livro sobre a época de D. João VI: as **Memórias para servir à História do Reino do Brasil**, acrescentando, à guisa de informação, que eram “divididas em três épocas — da felicidade, honra e glória — e escritas na corte do Rio de Janeiro no ano de 1821 e oferecidas a S. Majestade El-Rei Nosso Senhor o Senhor D. João VI”. Saiu a obra publicada pela Impressão Régia, de Lisboa, em 1825, com a devida “Licença da Mesa do Desembargo do Paço”.

Embora não seja livro de leitura fácil, pelo preciosismo excessivamente rebuscado da época (pelo menos no Brasil), é fonte obrigatória para o conhecimento daquele importante período de nosso passado, verdadeira fase de transição em nossa História. Zélio Valverde houve por bem reeditá-lo, enriquecendo-o com eruditas e seguras notas de Noronha Santos, um dos maiores conhecedores da história do Rio de Janeiro. Todavia, datando já de quase quarenta anos, pois foi publicada em 1943, tal edição já é hoje bastante rara e os que a possuem dela não abrem mão de maneira alguma. A Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, anuncia nova edição, na preciosa coleção “Reconquista do Brasil”, mas até o momento em que redigimos esta nota ainda não foi publicada. Mas brevemente voltará o Padre Perereca a ser novamente lido e consultado pelos estudiosos de nosso passado.

Vigoroso polemista, andou às turras com o Reverendo Kidder a propósito das Bíblias, por ele consideradas falsas, que o simpático missionário metodista andou distribuindo pelo Brasil na época da Regência, quando esteve entre nós. Aliás, este preconceito da Igreja Católica contra as Bíblias ditas protestantes, diga-se de passagem, existiu até há pouco tempo: eram acusadas de “falsas” simplesmente porque não continham os livros deuterocanônicos do Velho Testamento. Quando muito poderiam ser acusadas de incompletas, mas nunca de falsas, se bem que a complementação delas por parte da Igreja Católica fosse muito posterior à fixação do cânon bíblico. A vocação do Perereca para a polêmica não se manifestava apenas no campo religioso, mas igualmente no político, como o prova, entre outros escritos seus, a **Justa retribuição dada ao compadre de Lisboa em desagravo dos brasileiros ofendidos por várias asserções que escreveu em sua carta em resposta ao compadre de Belém, pelo filho do compadre do Rio de Janeiro**, escrito de 1821, em que se rebatem injúrias escritas em Portugal contra o Brasil e prova-se a ignorância dos publicistas de além-mar acerca das cousas do Brasil. A **Justa retribuição** do Perereca foi há pouco reeditado, juntamente com os opúsculos que a provocaram, pela Professora Rosemarie Erika Horch, do Instituto de Estudos Brasileiros (Universidade de São Paulo) em volume a que deu como título **Cartas dos compadres de Belém e de Lisboa**, São Paulo, 1977, nº 4 da série “Textos e Documentos”, da Revista de História”, dirigida pelo saudoso Professor Eurípedes Simões de Paula.

A biblioteca do Departamento de História de nossa Universidade possui preciosa raridade: a tradução publicada pelo Perereca em 1840 do **Espírito da Bíblia ou Moral Universal Cristã**, do famoso Abade Martini, tão amigo de Mozart. Além dessa edição de 1840, Sacramento informa sobre mais duas outras, uma publicada na Bahia em 1847 e outra em São Paulo, em 1862. A edição aqui mencionada deve ser, então, a quarta do precioso livro, mas o curioso é registrar que esta última edição foi publicada em 1922 pelos... metodistas, que o Perereca tanto combateu !

Do Padre Luís Gonçalves dos Santos, o clássico dicionário bibliográfico de Sacramento Blake arrola 27 títulos, compreendendo obras históricas, literárias, teológicas, simplesmente devocionais, traduções e alguns inéditos. São os mesmos que, com pequena diferença de ordem, figuram no prefácio de Noronha Santos para a edição de Zélio Valverde das **Memórias para servir à história do Reino do Brasil**, publicada em 1943. Constituída na maior parte de obras de circunstância, escritas quase sempre ao ensejo de polémicas atuais na época, mas pelas quais pouco se interessariam os leitores de hoje, a obra do Perereca praticamente restringe-se às **Memórias**, único de seus trabalhos a merecer reedições. Sem falar, naturalmente, do esforço da Professora Rosemarie Horch desenterrando e reeditando a **Justa Retribuição**, a que já se fez referência.

Julgamos, todavia, oportuno arrolar sua produção, quando nada para mostrar sua atividade cultural no Rio de Janeiro de século e meio atrás:

1. **A Voz da Verdade, da Santa Igreja Católica, confundindo a voz da mentira do Amante da Humanidade para sedativo da efervescência casamenteira dos modernos anticelibatários.** Rio de Janeiro, 1820. (Sacramento cita 1830). É uma série de 16 cartas com todos os argumentos, desde as primeiras eras do catolicismo, exibidos a favor do celibato clerical, que o autor sustenta com citações dos doutores da Igreja e cânones dos concílios. Segundo o Cônego Fernandes Pinheiro, é a melhor obra teológica de Luís Gonçalves dos Santos e pode ser colocada a par dos melhores escritos do padre Antônio Pereira de Figueiredo.

2. **A impiedade confundida ou refutação da carta de Talleyrand ao Papa Pio VII.** Rio de Janeiro, 1820 (Sacramento cita 1830). Esta obra teve segunda edição em Pernambuco (1838), na qual se declara que o autor soubera, achando-se já muito adiantada a impressão, que a Sagrada Congregação do Index, de Roma, considerara apócrifa a carta de Talleyrand.

3. **Justa retribuição dada ao compadre de Lisboa em desagravo dos brasileiros ofendidos por várias asserções que escreveu em sua carta em resposta ao compadre de Belém, pelo filho do compadre do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 1821; segunda edição em 1822; nova edição no volume **Cartas dos compadres de Belém e de Lisboa**, de Rosemarie Erika Horch, São Paulo 1977, col. "Textos e Documentos", vol. 4, da "Revista de História".

4. **A impostura desmascarada ou resposta que o filho do compadre do Rio de Janeiro dá ao compadre do Rio São Francisco do Norte.** Rio de Janeiro, 1821.

5. **Resposta analítica a um artigo do "Português Constitucional" em defesa dos direitos do Brasil.** Rio de Janeiro, 1821 (publicada com o pseudônimo de "Fluminense").

6. **O Campeão Português em Lisboa derrotado por terra a golpes da verdade e da justiça**, por um brasileiro natural do Rio de Janeiro, ofertada e dedicada aos amantes da causa do novo Império. Rio de Janeiro, Tip. de Torres e Costa, 1822.

7. **O Império do Brasil considerado em suas relações políticas e comerciais**, por La Beaumelle. Tradução. Rio de Janeiro, Plancher, 1824.

8. **Memórias para servir à história do Reino do Brasil.** Lisboa, 1825, 2 vols. Reed.: Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1943; nova edição anunciada pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte.

9. **Exame ortodoxo:** resposta ao Dr. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel a propósito do celibato clerical. Rio de Janeiro, 1825 (Sacramento cita 1835).

10. **Antídoto salutarífero contra o "Despertador Constitucional" e exorcismo contra o mesmo.** Rio de Janeiro, 1825. Diz Sacramento que se trata de "uma série de cartas combatendo a maçonaria, não só com argumento e com anátema, mas também com motejos".

11. **O celibato clerical e religioso.** Rio de Janeiro, 1827. Contra o Padre Antônio Feijó que, em resposta, publicou, **Resposta às parvoíces, absurdos, impiedades e contradições do Sr. Padre Luís Gonçalves dos Santos.**

12. **Réplica católica à resposta que o Sr. deputado Padre Diogo Antônio Feijó deu ao livro "O celibato clerical e religioso".** Rio de Janeiro, 1827.

13. **Apologia dos bens religiosos do Império do Brasil contra o plano dos usurpadores.** Rio de Janeiro, 1828. (Noronha Santos não indica data).

14. **Septenário das Dores de Maria Santíssima.** Rio de Janeiro, 1836. Informam Sacramento e Noronha Santos que este volume encerra-se com uma poesia de José Eloy Ottoni.

15. **Desagravo do clero e do povo católico fluminense,** ou refutação das mentiras e calúnias de um impostor que se intitula missionário, enviado pela Sociedade Metodista Episcopal de New York para civilizar e converter ao cristianismo os fluminenses. Rio de Janeiro, 1837. O autor refere-se ao Rev. Daniel P. Kidder, que na época da Regência viajou pelo Brasil.

16. **Análise do anúncio do vendedor de Bíblias.** Rio de Janeiro, 1838. Trata-se de uma preleção sobre as diversas espécies de cultos e as alterações do Antigo e Novo Testamento "introduzidas pelas seitas heterodoxas".

17. **Discurso sobre a confirmação dos bispos, na qual se examina a matéria pelos princípios canônicos,** pelo Cardeal D. Pedro Inguanzo Rivero. Tradução. Rio de Janeiro, 1838. Noronha Santos, no título, em vez de **confirmação**, indica **conferência** e o autor é denominado Iguanozo em vez de Inguanzo.

18. **O Católico e o Metodista,** ou refutação das doutrinas heréticas e falsas que os intitulados missionários do Rio de Janeiro, metodistas de New York, têm vulgarizado nesta Corte, a que se junta uma dissertação sobre o direito dos católicos de serem sepultados nas igrejas e seus adros. Rio de Janeiro, 1838.

19. **Espírito da Bíblia ou Moral Universal Cristã**, do Abade A. Martini. Tradução. Rio de Janeiro, 1840. Segunda edição, Bahia, 1847; terceira, São Paulo, 1862; quarta, São Paulo, Imprensa Metodista, 1922.

20. **A fé católica e o símbolo dos católicos**. Niterói, 1847, 3 volumes. O cônego Fernandes Pinheiro julga esse trabalho “o mais apropriado compêndio de moral cristã”.

Além dessas obras impressas, o Cônego Fernandes Pinheiro, no estudo biográfico do Padre Perereca, publicado na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, refere-se a outros escritos, inéditos arrolados também por Sacramento e alguns por Noronha Santos. Entre eles **Novenas do Santíssimo Sacramento** (tradução); **Breves meditações** (também tradução); uma comédia, **Ignez**, escrita “em alusão às relações particulares de um seu colega com certa moça”; uma descrição da chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro; uma memória sobre a Congregação do Oratório; e uma “Memória” do Brasil, apresentada à Exposição de História do Brasil, de 1881; consta de 191 páginas encadernadas em veludo carmesim, com as armas reais, indicando ter pertencido à Biblioteca de D. João VI.

*
* *

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista, às sextas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica indicam-se as datas da publicação.)

32. UM COMPOSITOR JUDEU-SUIÇO-AMERICANO

Compositor suíço? Poderá o leitor perguntar (e estranhar). De fato é curioso o caso da Suíça. É um dos países onde mais se cultiva a música. Possui algumas das melhores orquestras (sinfônicas e de câmara) da Europa; seus conservatórios (Genebra, Zurique) são famosos, da mesma forma que seus festivais (Lucerna, Lausanne) atraem pessoas de todo o mundo e neles algumas das obras contemporâneas mais importantes têm sido reveladas. Os discófilos conhecem os nomes de seus grandes conjuntos musicais: Suisse Romande, Winterthur etc. Pois bem: com todo esse interesse pela música, jamais produziu a Suíça um compositor capaz